

## Sacrifícios pagãos, judaicos e cristãos nos escritos de Justino Mártir

ALESSANDRO ARZANI\*

### Introdução

Diante do desafio de enfrentar a vasta gama de questões que envolvem as relações de oposição entre o protocristianismo que se afasta do judaísmo chocando-se com a alteridade das demais culturas no Império romano, convém eleger os “sacrifícios” pagãos, judaicos e cristãos nos escritos de Justino Mártir para a análise que aqui se desenvolve.

No século II d.C. vários escritos apologéticos são produzidos visando rebater as acusações de “cristianismo”, promiscuidade, ateísmo, canibalismo e outras coisas exóticas que caricaturavam os cristãos. Saindo do seio do judaísmo, os cristãos seguem o desenvolvimento de suas ideias e de sua identidade. Estendendo-se por territórios longínquos, borbulham rumores caluniosos sobre o novo grupo que procura se afirmar como religião verdadeira. Ao arquitetar seu plano apologético, Justino arguiu em prol do que considera ser um trato justo aos cristãos diante das “vãs” acusações. Nesse empreendimento, porém, ele reconhece uma única razão pela qual os cristãos, segundo seu parecer, podem ser recriminados: “não veneramos os mesmos deuses que vós e não oferecemos libações e gorduras aos mortos, não colocamos coroas nos sepulcros, nem celebramos sacrifícios sobre eles” (JUSTINO, 1995: p. 41). O apologista lembra os seus destinatários de que os mesmos animais que por uns são sacrificados aos deuses, por outros são considerados deuses ou simplesmente feras. Essa discrepância quanto aos sacrifícios é um dos pontos que estabelece os limites da alteridade entre os cristãos e os que hoje são chamados pagãos nas *Apologias* desse filósofo de Flávia Neápolis (Pelestina). No seu *Diálogo com Trifão*, bem articulado nas estruturas dessa obra, está o discurso da tipologia da aliança em Cristo nos sacrifícios judaicos. Desse modo, Justino apresenta uma significativa discussão que conduz à reflexão sobre a ideia do “sacrifício” cristão.

---

\* Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) sob a orientação da Profa. Dra. Renata L. B. Venturini.

Ao considerar esses pontos essenciais, constitui-se o objetivo principal desse trabalho compreender como os sacrifícios pagãos, judaicos e cristãos são representados nos escritos de Justino Mártir, de modo que favoreça a compreensão, ainda que parcial, da relação de alteridade/identidade entre os “outros” e os cristãos.

Em função desse objetivo, desenvolve-se uma análise semiótica do discurso acerca dos sacrifícios identificando as relações de oposição entre as práticas pagãs, judaicas e a forma cristã do ritual.

### **A negação dos sacrifícios pagãos**

Justino inicia sua *I Apologia*, dirigida ao imperador Antonino Pio (138-161 d.C.) e demais destinatários, pedindo “que realizeis o julgamento contra os cristãos conforme o exato discernimento da investigação”<sup>1</sup>, não dando espaço ao “preconceito ou pelo desejo de agradar homens supersticiosos, ou movidos por impulso irracional ou por boatos cômicos”<sup>2</sup> (JUSTINO, 1995: 19). Para favorecer um julgamento “justo” dos casos que envolvam denúncias contra os cristãos, bem como para repudiar as moções por “paixão irracional” ou influência de “demônios perversos”, o autor desenvolve sua série de argumentos para explicar os vários aspectos das práticas cristãs.

Ele discorre a respeito de porque os cristãos não honram, “com muitos sacrifícios e coroas de flores, esses que os homens, depois de der-lhes forma e colocá-los nos templos, chamam de deuses”<sup>3</sup> (1995: 25). Nesse ponto, é preciso analisar as razões pelas quais a negação dos sacrifícios pagãos tornou-se motivo para arguição apologética.

---

<sup>1</sup> *Vavllv avpaith,sontej kata, to.n avkribh/ kai. evxetastiko.n lo.gon* (MINNS; PARVIS, 2009: 80). A versão portuguesa apresenta: “que realizeis o julgamento contra os cristãos conforme o exato discernimento da investigação” (JUSTINO, 1995: 19). O acréscimo “contra os cristãos” é um recurso empregado pelos tradutores Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin para tornar o texto mais claro para o leitor de língua portuguesa. No entanto, tal expressão não aparece nem mesmo no texto grego da coleção *Patrologia Graeca* de Jacques-Paul Migne (1857). Parece ser melhor ler: “que realizeis o julgamento com estreiteza e exata razão”.

<sup>2</sup> *mh. Prolh,yei mhdy avnqrwpareskei.a/ th/ deisidaimo,nwn katecome,nouj( h; avlo,gw/ o`rmh/| kai. croni,a| prokateschkui.a| fh,mh| kakh/* (MINNS; PARVIS, 2009: 82).

<sup>3</sup> *Qusi,aij polai/j avnqw/n timw/men ou]j a;vnqrwpoi morf,w,santej kai. evn naoi/j i`dru,santej qeou.j poroswno,masan* (MINNS; PARVIS, 2009: 96).

Conforme escreveu Claudia Beltrão Rosa (2006: 141) a respeito da organização político-religiosa de Roma, “todas as ações importantes do Estado envolviam rituais, tanto em forma de auspícios como de sacrifícios; uma vitória, e.g., era celebrada por uma procissão, o triunfo, no qual o exército e seu general desfilavam pela cidade para sacrificar a Júpiter no Capitólio”<sup>4</sup>. Ela ainda explica que rituais de vários tipos eram muito importantes nas interações entre deuses e homens na religião romana.

“Rituais marcavam todos os eventos públicos e celebrações; alguns deles podem ser classificados como ocasiões religiosas propriamente ditas – festivais anuais, a realização e o cumprimento dos juramentos, os aniversários das fundações de templos, etc. [...] podem variar segundo os critérios adotados: os jogos, as performances dramáticas, que tinham elementos rituais em seu programa, mesmo que tivessem também o entretenimento entre os propósitos. [...] o sacrifício era feito estritamente segundo regras e tradições, que necessariamente tinham de ser respeitadas; [...] a habilidade dos sacrificantes permitia a comunicação entre homens e deuses” (ROSA, 2006: 141).

Os judeus e os cristãos apresentaram resistência a esses rituais, pois entravam em atrito com suas crenças. Além dos tipos de sacrifícios dirigidos propriamente aos deuses em geral, o oferecimento de sacrifícios ao imperador causava atritos a esses dois grupos. Ainda conforme apontou Claudia B. Rosa (2006: 150), o fato de os altares ao imperador serem colocados muito próximos ao tribunal do magistrado que ouvia os seus casos indica um sacrifício simbólico ao imperador que geralmente se pedia como prova de sua lealdade a Roma.

A religião romana não parece hostil a outras formas de atividade religiosa. No entanto, o limite dessa tolerância parece estar entre a segurança e a ameaça que outros grupos poderiam representar. Nos anos 180 a.C. o culto a Baco foi interpretado como uma ameaça à ordem. Grupos liderados por sacerdotes masculinos e que tinham um tesouro próprio, ou juramentos ou fiéis podiam levantar suspeitas. Rosa (2006: 152,153) mostra que as autoridades romanas estavam acostumadas com o fato de que a religião seguia e expressava as linhas principais da estrutura social. “A organização dos grupos báquicos deve ter ameaçado aos romanos também por trazer uma nova e perigosa forma de poder”. Os seguidores de Baco não parecem ter sido hostis a deuses ou a rituais das sociedades de que faziam parte. Também não rejeitavam os sacrifícios, nem viam os deuses como demônios e não tinham qualquer problema em executar os rituais

---

<sup>4</sup> cf. também BEARD, M.; NORTH, J.A.; PRICE, S.R.F. *Religions of Rome, v. I*. Cambridge : Cambridge University Press, 1988.

tradicionais ou em respeitar outros deuses. Todavia, foram considerados suspeitos (ROSA, 2006: 153). Rosa (2006: 153) mostra que Titus Livius, num discurso que atribuiu ao cônsul Postumio Albino, quando falava ao povo da ameaça de um poder rival, aponta certa desconfiança quanto aos báquicos:

“A menos que vocês se precavejam, cidadãos, enquanto nós mantemos esta reunião diurna, apropriadamente reunida pelo cônsul, assim lá pode ser mantida durante a noite. Nesse momento, eles, separadamente, temem a vocês, agora reunidos em assembléia; quando vocês retornarem às suas casas e fazendas, eles se reunirão para decidirem sobre sua própria salvação e a vossa ruína. Será quando vocês, separadamente, terão de temê-los, reunidos”<sup>5</sup>.

Muitos adeptos de Baco foram perseguidos e levados à morte. De certo modo, os líderes do grupo adquirem um grau de influência sobre os membros superior ao dos sacerdotes romanos. O grupo organizado passa a representar uma força política em potencial. A conversão de uma pessoa para outra religião dá ao indivíduo a possibilidade de ser identificado como membro de um grupo particular (ROSA, 2006: 153-154).

Chevitarese (2006: 171), lançando um olhar sobre a ampla condição dos cristãos e as correspondências de Plínio, considera o seguinte:

“Fica evidente também em Plínio que os crimes associados ao cristão eram obviamente *impietas* (ateísmo), *superstitio illicita* e a falta de reverência ao imperador. Em suma, todas as imputações eram de ordem religiosa, sendo, portanto, crimes religiosos, os quais, por causa da recusa em adorar o imperador, adquiriram implicações políticas (muito embora Trajano não tivesse imposto nem reivindicado a adoração). Parece também claro, na sua carta, que Plínio não acredita que os cristãos constituíssem uma ameaça política ao Estado ou que, para além da recusa em adorar os deuses e o imperador, eles fossem culpados de atrocidades ou atos obscenos (a famosa *flagitia*) ou de praticar qualquer tipo de ação prejudicial à moralidade ou segurança do Estado”.

O fato de os cristãos não concordarem com os sacrifícios pagãos<sup>6</sup> não faz sentido isoladamente para as razões de serem incomodados com calúnias e perseguições. Parece ser razoável que por serem um grupo cujas crenças não estavam bem sistematizadas e que se espalhavam pelo Império, as calúnias oriundas dos atritos culturais podem ter

---

<sup>5</sup>“nisi praecavetis, Quirites, iam huic diurnae, legitime ab consule vocatae, par nocturna contio esse poterit . nunc illi vos singuli universos contionantes timent: iam ubi vos dilapsi domos et in rura vestra eritis, illi coierint, consultabunt de sua salute simul ac vestra pernicie: tum singulis vobis universi timendi erunt” (LIVIVS, 1930: 264-265).

<sup>6</sup> O termo “pagão” é empregado neste artigo como denominador de toda forma de crença religiosa que não seja oriunda da “revelação de Deus”, mais especificamente, aqueles que não são cristãos, nem judeus ou muçulmanos. Para mais informações veja MARTINDALE, Cyril Charles. “Paganism.” The Catholic Encyclopedia. Vol. 11. New York: Robert Appleton Company, 1911. 13 Jun. 2011 <<http://www.newadvent.org/cathen/11388a.htm>>.



agravar com o anúncio do “novo reino”. Se os adeptos de Baco eram perseguidos, mesmo compartilhando da religião romana e suas reuniões tornaram-se alvo das desconfianças das autoridades, quanto mais os seguidores de uma crença que anunciava a salvação e um novo reino de libertação. Por isso, em seguida Justino segue dando explicações: “Até vós, apenas ouvindo que esperamos um reino logo supondes, sem nenhuma averiguação, que se trata de reino humano, quando nós falamos do Reino de Deus. Isso aparece claro pelo fato de que, ao sermos interrogados por vós, confessamos ser cristãos, sabendo como sabemos, que tal confissão traz consigo a pena de morte” (1995:26-27). A afirmação do caráter do Reino aguardado pelos cristãos é uma forma de demonstrar que não há nenhuma espécie de conspiração para uma nova ordem política por parte desses crentes. Além disso, Justino está convencido de que os cristãos com suas crenças são os melhores ajudantes e aliados para a manutenção da paz, pois buscam o bem e acreditam num Deus que sonda todas as coisas.

Depois de tentar esclarecer que não há motivos para tratar os cristãos com hostilidade e de argumentar sobre as razões que justificam a não aderência cristã aos sacrifícios pagãos, Justino afirma o seguinte: “Esta é a única coisa que podeis nos recriminar: não veneramos os mesmos deuses que vós e não oferecemos libações e gorduras aos mortos, não colocamos coroas nos sepulcros, nem celebramos sacrifícios sobre eles” (1995: 41). Em favor dos cristãos, Justino lembra que também a diversidade de sacrifícios se torna confusão, pois “nem todos cultuam os mesmos, mas uns são honrados num lugar, outros em outro, de modo que todos são ímpios entre si, por não ter a mesma religião”. O problema realmente não está em não ter a mesma religião, mas em ser uma ameaça, real ou hipotética, à ordem.

Ao dar razões sobre a alteridade entre as práticas sacrificiais pagãs e a crença cristã, Justino contribui para a sistematização do pensamento cristão. Em meio às vertentes de interpretação cristãs do II século d.C., este “filósofo” promove o que concebe como o pensamento cristão. Parece interessante promover um estudo sobre essas vertentes em outra ocasião. Agora, porém, convém passar para a reflexão sobre os sacrifícios judaicos.

## Os sacrifícios judaicos

Em seu *Diálogo com Trifão*, Justino dedica-se a mostrar a ultrapassagem das antigas práticas judaicas pelos cristãos, no “cumprimento” ou interpretação das profecias das Escrituras. O *Diálogo* – que aponta a derrocada da Lei antiga e a emergência da nova, da messianidade e divindade de Cristo – está repleto de citações e interpretações alegóricas das Escrituras. Na trama do seu discurso encontram-se vários aspectos que sobressaltam o embate teológico da ruptura das práticas sacrificiais judaicas e a afirmação da nova práxis cültica cristã.

Com a queda de Jerusalém em 70 d.C., o lugar central para os sacrifícios dos judeus ficou comprometido. Deve-se observar que já no I século da era cristã o judaísmo era fragmentado em várias correntes, dentre as quais circulavam ideias divergentes como a dos essênios que dispensam o sacrifício em Jerusalém. Os samaritanos desde muito antes questionavam a centralidade do ritual dos sacrifícios em Jerusalém, e por isso também eram odiados por muitos. No entanto, Justino não demonstra preocupação com essas ramificações. Seus escritos referem-se de forma genérica ao culto sacrificial celebrado pelos judeus e que se pautam de alguma forma pela tradição escritural. Por isso, convém observar alguns aspectos da instituição dos sacrifícios entre os judeus.

Ao analisar as instituições de Israel no Antigo Testamento, Roland Vaux (2003) detém sua atenção por um momento ao ritual dos sacrifícios, proporcionando uma análise dos vários aspectos de sua constituição nas Escrituras. Vaux (2003: 489) considera que:

O sacrifício é o ato essencial do culto exterior. É uma oração em ação, é uma ação simbólica que torna eficazes os sentimentos interiores do ofertante e a resposta que deus dá. É algo comparável às ações simbólicas dos profetas. Pelos ritos sacrificiais, o dom para Deus é aceito, a união com Deus é mágica: é essencial que a ação exterior exprima os sentimentos verdadeiros do ofertante e encontre as disposições benevolentes de Deus. Na falta disto, o sacrifício não é mais um ato de religião.

Essa análise é produto de consideráveis comparações entre o rito sacrificial praticado pelo povo de Israel e pelos povos ao redor. Roland Vaux procurou sintetizar seu significado em essência. No entanto, seu principal perigo é olhar para o Antigo Testamento e buscar um significado pleno para tal ritual. O significado do sacrifício para o povo de Israel só poderá ser compreendido de forma convincente se abordado

considerando particularmente os elementos de clausura de sentido para cada período histórico que se relaciona ao documento que informa sobre sua instituição. Isso significa que, além da subjetividade do significado do sacrifício para o ofertante, cada parte que compõe o Antigo Testamento sempre deve ser analisada dentro do seu próprio contexto de produção. Os escritos posteriores que se remetem frequentemente a escritos anteriores ou a práticas anteriormente conhecidas exigem uma análise da recepção do que está sendo comunicado. Vários profetas, como o próprio Vaux (2003: 492) observa, questionaram o sentido que as práticas sacrificiais assumiram em vários momentos da história de Israel. O significado dos sacrifícios também é questionado por Justino.

“Pelos pecados de vosso povo e por suas idolatrias ele vos ordenou igualmente o que se refere aos sacrifícios, não porque tenha necessidade de oferenda”<sup>10</sup> (JUSTINO, 1995b: 141). Ao tratar da observância das leis sacrificiais judaicas, Justino preocupa-se novamente em não deixar espaços para a ideia de que Deus necessite de serviços humanos. Em sua argumentação com judeu Trifão nesse ponto, o filósofo recorre aos escritos de Amós 5,18-6,7 para mostrar o dissabor divino em receber “holocaustos e sacrifícios” de um Israel que se enredava com outros deuses. Semelhantemente recorre aos escritos do profeta Jeremias 7,21-22: “Juntai vossas carnes e sacrifícios e comei, porque não ordenei a vossos pais nem sacrifícios, nem libações em que os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito”<sup>11</sup> (apud JUSTINO, 1995b: 143). No mesmo sentido,

<sup>10</sup> *Kai. o/ti dia. ta.j a`marti,aj tou/ laou/ u`mow/n( kai. dia. ta.j eivdwlolatri,aj( avll`ouv dia. to. evvndeh.j ei=nai tw/n toiou,tnw prosforw/n( evnetei,lato o`moi,wj tau/ta gi,nestai* (MIGNE, 1857: 521). Nessa versão grega pelo menos não aparece o termo equivalente a “sacrifícios”, que provavelmente foi inserido pelos tradutores da versão em português para proporcionar maior clareza. Em há várias ocorrências da palavra *qu,siaj* para referir-se evidentemente a “sacrifício”. Uma tradução mais literal pode ser sugerida: “E por causa do pecado do vosso povo e pela vossa idolatria, não porque tenha necessidade de tais oferendas, vos ordenou que semelhantes coisas fizésseis”.

<sup>11</sup> *Sunaga,gete ta. kre,a u`mw/n kai. ta.j qusi,aj( kai. fagete\ o[ti ou;te peri. qusiw/n h; spondw/n evneteila,mhn toi/j patra,sin u`mw/n( h|= hvme,ra| evpelado,mhn th/j ceiro.j aurtw/n( exagagei/n aurtou.j evk gh/j Aivgu,ptou\** (MIGNE, 1857: 524). Nessa referência ao texto do profeta Jeremias (7,21-22) há a possibilidade de explorar a relação do significado entre “holocausto” e “sacrifícios” e “carne”. Na versão hebraica de Jr 7,21 `rf")b' Wlik.aiw> ~k,Pyxeb.zI-l[; Wpīs. ~k,2yteAl[> [... teus holocaustos juntas aos vossos sacrifícios e comam carne]. No texto hebraico (BIBLIA, 1977) é empregado o termo ~k,2yteAl[o (substantivo comum feminino plural construto, com sufixo da segunda pessoa do masculino plural) cujo significado é “dos teus holocaustos” ou, mais literalmente, “das tuas ofertas queimadas por completo”, que tem o equivalente grego *Tà óλοκαυτώματα ύμῶν* (LXX, 1935). O texto grego de Justino emprega o termo *kre,a* [carnes] como uma equivalência ao tipo de produto ofertado no hl[o. Deve-se, no entanto, observar que no texto hebraico aparece ainda no final rf")b' Wlik.aiw> [e comam carne], enquanto no Justino difere em sua citação também da LXX que termina o trecho com *καὶ φάγετε κρέα*. Ou Justino faz uma citação mentalmente ou ele quis simplificar a forma hebraica.

imediatamente a seguir, ele recorre ao Salmo 49, do qual convém citar a fala de Deus: “Se eu tivesse fome não diria a ti, porque minha é a terra inteira e tudo o que ela contém. Por acaso, eu comeria carne de touros e beberia sangue de bodes? Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os teus votos ao Altíssimo” (apud JUSTINO, 1995b: 143). Recorrendo às Escrituras, Justino procura mostrar que os sacrifícios foram instituídos por uma deficiência do povo de Israel, e que tinha caráter transitório, sem jamais significar uma necessidade divina. Também os judeus eram leitores das mesmas Escrituras, mas o que os diferencia nesse ponto é o tipo de hermenêutica empregada. Justino fala com a autoridade de quem tem um saber especial, o conhecimento de uma verdade que não foi compreendida pelos judeus. Tanto nas *Apologias* quanto no *Diálogo* o paradigma para sua hermenêutica se desenvolve a partir da centralidade do  $\lambda\omicron, \rho\omicron\jmath$  revelador. Isso significa que há uma busca consciente ou inconsciente pela convergência das profecias das Escrituras a Cristo.

É interessante notar que ao arguir sobre os sacrifícios pagãos, Justino concentra-se em mostrar a impropriedade do oferecimento de coisas a falsos deuses; enquanto o verdadeiro Deus, de nada necessita. Ao tratar dos sacrifícios do povo judeu, o autor salienta que os sacrifícios foram transitórios e supriam a necessidade do povo e não de seu Deus. O real significado do sacrifício judaico estaria no seu caráter pedagógico de representação figurada do verdadeiro sacrifício arquitetado por Deus para os seus. Desse modo, os cristãos apresentam uma outra concepção do sacrifício que os afastam dos pagãos que os desvencilham do judaísmo sem negar seus fundamentos, mas apresentando um paradigma cristológico para sua interpretação.

## **O sacrifício cristão**

Tentando convencer a Trifão do cumprimento das Escrituras em Cristo, Justino afirma que “o mistério do cordeiro que Deus mandou sacrificar como Páscoa era figura de Cristo, com cujo sangue os que nele crêem, segundo a fé nele, ungem suas casas, isto é, a si mesmo”. Segundo sua hermenêutica alegórico-cristológica, esse mandamento foi temporário. Ele se cumpriu em Cristo e se findou com a destruição de Jerusalém e o cessar dos sacrifícios (JUSTINO, 1995: 169).

Semelhantemente, os dois bodes (*Levíticos* 16,5-10) que se mandavam sacrificar no jejum são interpretados como figuras das duas vindas de Cristo. A oferta de flor de farinha para purificação dos leprosos (*Levíticos* 14,10) é considerada uma figura do pão da Eucaristia celebrada pelos cristãos em memória da paixão que Jesus Cristo padeceu por todos os homens que purificam suas almas de toda a maldade. No mesmo âmbito, Justino insere ainda a citação de *Malaquias* 1,10-12: “Minha vontade não está convosco - diz o Senhor – e não quero receber sacrifícios de vossas mãos. De fato, desde onde o sol nasce até onde ele se põe, meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece ao meu nome incenso e sacrifício puro. Grande é o meu nome entre as nações – diz o Senhor – e vós o profanais” (apud JUSTINO, 1996: 170). Com essa referência, o filósofo identifica uma fala antecipada dos “sacrifícios” que os cristãos, identificados com “as nações”, oferecem em todo o lugar, isto é, o pão e o cálice da própria Eucaristia<sup>12</sup>. Noutro instante Justino recorre a *Isaías* 33,13-19 para apontar uma referência ao partir do pão dos cristãos. Qualquer relação mais próxima do texto do profeta Isaías com a Eucaristia está no simples aparecimento da palavra “pão” em: “Ser-lhe-á dado pão e a sua água lhe será assegurada”. Isso basta para que Justino prossiga: “É evidente que nesta profecia ele também fala sobre o pão que nosso Cristo nos mandou celebrar como memória dele se ter feito homem por amor dos que nele crêem [...] e o cálice que, como lembrança do seu sangue, nos mandou igualmente consagrar com ações de graças” (apud JUSTINO, 1995b: 222). Ele ainda tenta justificar a incompreensão desse mistério hermenêutico dizendo que “essas Escrituras também clamam que aqueles que imaginam conhecer a letra das Escrituras, ao ouvirem que as profecias, não atingem a compreensão delas”.

Há um tipo de sacrifício especial a ser oferecido a Deus que esse pensador se propõe a apontar: “... os sacrifícios que lhe são oferecidos em nome de Jesus Cristo, os sacrifícios que este mandou oferecer, isto é, os da Eucaristia do pão e do vinho, que os cristãos celebram em todo lugar da terra”<sup>13</sup> (JUSTINO, 1995: 287). A apresentação

<sup>12</sup> *Peri. de. tw/n evn pantí. to,pw| u`f`hvmw/n tw/n evqmw/n prosferome,nwn auvtw|/ qusiw/n( toute,sti tou/ a;rtou th/j Euvcaristi,aj kai. tou/ prothri,ou o`moi,wj th/j Euvcaristi,aj( prole,gei to,te( eivpw.n kai. to. onnoma auvtou/ doxa,zein h`ma/j( uvma/j de. bedhlou/n\* (MIGNE, 1857: 564).

<sup>13</sup> *Pa,ntaj ou=n( o, dia. tou/ ovno,matoj tou,tou qusi,aj( a;j pare,dwken Ivhsou/j ov Cristo,j gi,nesqai( toute,stin evpi. th/ eu=caristi,a| tou/ a;rtou kai. tou/ pothri,ou( ta.j evn pantí. to,pw| th/j ginome,naj uvpo. tw/n Cristianw/n( proladv.n ov qeo.j( marturei/ euvare,stouj uvpa,rcein auvtw|/\* (MIGNE, 1857: 745).

desse sacrifício aceitável a Deus é colocada em oposição aos que ele “rejeita”. Justino recorre a *Malaquias* 1,10-12 para atestar tal rejeição das oferendas dos judeus e a aprovação da glorificação das nações: “Não receberei de vossas mãos os vossos sacrifícios, porque desde o nascer do sol até o seu ocaso, o meu nome é glorificado nas nações e vós o profanais”. O autor novamente defende sua hermenêutica alegórico-cristológica contrariando a hipótese de que o texto de Malaquias se referisse aos sacrifícios que eram oferecidos em Jerusalém pelos israelitas que naquele tempo a habitavam, enquanto aceitava as orações que lhe faziam na dispersão. Quanto ao caráter sacrificial das orações e ações de graças ele é categórico: “Concordo que as orações e ações de graças feitas por homens dignos são os únicos sacrifícios perfeitos e agradáveis a Deus. São justamente apenas esses que os cristãos aprenderam a oferecer na comemoração do pão e do vinho, na qual se recorda a paixão que o Filho de Deus sofreu por eles” (1995b: 288). Não são sacrifícios de sangue ou de libações, e, sim, louvores e ações de graça verdadeiramente espirituais que são esperadas na “nova e eterna aliança”.

O caráter sacrificial da Eucaristia tem rendido diversas discussões sobre a história da liturgia cristã. Gregory Dix (1945: 160) observou que não havia nada na segunda metade da oração de Hipolitus, no seu *A tradição Apostólica* (BOTTE, 1984), que não tenha sido aceita por Justino antes. Liesle W. Barned (1967: 145-150) apresenta três considerações importantes sobre os sacramentos nos escritos de Justino: Em primeiro lugar ele nota que a Eucaristia é para Justino, como nos escritos da Didaque e de Inácio, o ato central da adoração cristã aos domingos; a teologia eucarística de Justino é considerada mais desenvolvida que a desses dois. Justino descreve a eucaristia identificando-a precisamente com os elementos consagrados, o corpo e o sangue de Cristo. E, ainda, é a *Apologia* que apresenta a importante menção do envio dos elementos consagrados aos que não puderam comparecer à assembléia cristã. A interpretação de Barnard, que enxerga no conceito de Eucaristia de Justino a ação do logos sobre o pão e o vinho tornando-os carne e sangue encarnados de Jesus, não pode dar lugar a ideia de uma repetição sacrificial (1967: 147). Embora haja, como foi visto, uma relação entre “sacrifício” e os elementos da Eucaristia, pão e vinho, Justino também menciona que os sacrifícios oferecidos a Deus são orações e ações de graça.

Essa última menção não anula a anterior, mas completa a noção de “sacrifício” para o pensador de Flávia Neápolis.

O ponto de partida da enunciação que produz esse discurso que separa a prática cristã da prática pagã ou judaica é assumido por Justino nas próprias *Apologias*. Embora não apresente uma doutrina sistematizada dos sacramentos é significativo perceber, como bem notou Barnard (1967: 149), que ele aceita que a igreja foi uma sociedade sobrenatural fundada pelos apóstolos em nome de Cristo, a qual mantém os ensinamentos dos apóstolos. Justino está convencido, certo ou erroneamente, que suas doutrinas foram recebidas da igreja do tempo anterior.

O afastamento da práxis sacrificial do judaísmo é, portanto, resultado da convergência das reflexões cristocêntricas que relacionam profecias ou passagens do Antigo Testamento com o seu necessário cumprimento em Cristo. A revelação ou inspiração cristocêntrica com a qual os cristãos são privilegiados, sem reconhecerem que isso seja um privilégio, é o elemento que os distingue dos judeus que recorrem às mesmas Escrituras para justificar a práxis sacrificial que veio a cessar com a queda de Jerusalém sob os romanos.

### **Considerações finais**

No desenvolvimento desse trabalho, procurou-se compreender como os sacrifícios pagãos, judaicos e cristãos são representados nos escritos de Justino Mártir, de modo a oferecer um lampejo parcial da relação de alteridade/identidade entre os “outros” e os cristãos. Justino reconhece que os cristãos podem ser considerados culpados por não cultuar outros deuses, mas mostra também que seria um grande equívoco por parte das autoridades assim procederem devido à grande diversidade de tipos de sacrifícios que se emaranham em posições contraditórias entre si. Ele procura não deixar dúvidas sobre a fidelidade dos cristãos ao Império, mesmo que não adiram aos sacrifícios ao Imperador. Desenvolvendo uma reflexão teológica sobre as razões cristãs para não aderir às práticas sacrificiais pagãs, o autor destaca a impropriedade das oferendas ao que consideram “falsos deuses”. A convicção em um Deus que é eminentemente “separado” justifica sua separação de tais rituais. Ao discorrer sobre os

sacrifícios judaicos, a tônica recai sobre sua transitoriedade. O autor procura convencer de que Deus não precisa de sacrifícios, enquanto, na verdade, seriam os homens em suas maldades que os necessitam. As prescrições judaicas, como assim defende Justino, seriam figuras do real sacrifício de Cristo. Em razão do sacrifício de Cristo é, também, que os cristãos oferecem sacrifícios de louvor e ações de graça, reunidos no partir do pão e do vinho eucarístico em memória do Cristo. A interpretação cristocêntrica das Escrituras é peça-chave na elaboração de sua prototeologia eucarística e estabelece fronteiras tanto a práxis ritualística pagã quanto à judaica. Toda a articulação intelectual de Justino está voltada para o convencimento de quem quer que seja de que os cristãos detêm uma verdade especial que lhes foi revelada e que todos os “outros” que diferem dessas crenças estão potencialmente em ignorância.

## Referências

- BIBLIA Hebraica Stuttgartensia: editada por K. Elliger & W. Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977. [software BibleWork 5.0]
- BOTTE, Bernard (ed). *La Tradition Apostolique*. Sources Chretiennes, 11. Paris: Editions du Cerf, 1984.
- CHEVITARESE, André Leonardo. Cristianismo e Império Romano. In: SILVA, Gilvan Ventura da Silva; MENDES, Norma Musco. (org.) *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.
- DIDAQUÉ: a doutrina dos doze apóstolos. São Paulo: Paulus, 1997.
- DIX, Gregory. *The Shape of the Liturgy*. London: Arthur & Charles Black, 1945.
- JUSTINO, Mártir. *São Justino de Roma: I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. Introdução e notas Roque Frangiotti; Traduzido por Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. Título original: I e II ‘Apología tou ‘agiou Ioustinou phoilósophou kai mártiros Pròs Trifona Ioudaion diálogos.
- LIDDLE, H. G.; SCOTT, *Abridged Greek-English Lexicon*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.
- LIVIUS, TITUS (Livy), *The History of Rome*. Books XXXVIII-XXXIX with an English Translation for Evan T. Sage. Cambridge; Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1936.
- LXX Septuaginta edited by Alfred Rahlfs. Württembergische Bibelanstalt / Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1935. [software BibleWork 5.0]

- MARTINDALE, Cyril Charles. "Paganism." *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 11. New York: Robert Appleton Company, 1911. 13 Jun. 2011 <<http://www.newadvent.org/cathen/11388a.htm>>.
- MIGNE, Jacques-Paul. (Org.). *Patrologiae cursus completus: series graeca*. Paris: Garnier-Migne, 1857.
- MINNS, Denis; PARVIS, Paul (ed). *Justin, philosopher and Martyr*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 270.
- NORTH, J. A. Religions in the Roman Empire. In: HINNELLS, John R. *A handbook of Ancient Religions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. pp. 318-363.
- PRICE. S. R. F. *Rituals and Power: the roman imperial cult in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ROSA, Claudia Beltrão. A religião da *Urbs*. In: SILVA, Gilvan Ventura da Silva; MENDES, Norma Musco. (org.) *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.
- VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.